

A TRADIÇÃO LEGITIMADA

Uma análise do suplemento literário Sabático, do jornal O Estado de S. Paulo¹

Karla Beraldo de Souza²

Resumo

Compreendendo o jornalismo como parte do processo de construção do campo cultural, a este artigo interessa examinar como o mesmo atua no mecanismo de configuração de valor da arte. O trabalho pretende ainda estudar o jornalismo cultural enquanto campo de tensão entre as demandas do mercado e a dimensão crítica oriunda da produção artístico-intelectual. Em específico, pesquisa o universo temático e editorial do *Sabático*, do jornal *O Estado de S. Paulo*, a partir de seu primeiro ano de publicação.

Pavavras-chave: Jornalismo cultural 1. Mercado de bens simbólicos 2. Teoria dos campos 3. Suplemento literário 4.

Introdução

As letras e as artes sempre tiveram espaço na imprensa brasileira, entretanto, é a partir do século XX que começam a nascer as primeiras publicações dedicadas exclusivamente aos temas culturais. No Brasil, o desenvolvimento do jornalismo cultural está bastante associado à influência francesa e ao advento do folhetim como fórmula atrativa para incrementar as vendas dos jornais.

É por meio da imprensa que a literatura, principalmente, difunde-se e se legitima, enquanto escritores e intelectuais ganham notabilidade e prestígio com a consolidação de espaços para a crítica, por meio do surgimento dos suplementos literários. Como assinala Abreu (1996), “os suplementos literários formaram redes de sociabilidade para muitos intelectuais na década de 50, e juntamente com os cafés, os salões, as revistas literárias e as editoras, permitiram a estruturação do campo intelectual” (Abreu, 1996:23).

No âmbito do jornalismo cultural, os suplementos literários tiveram importante papel, desse o início do século XX, como ambiente de análise e reflexão crítica da

¹ Texto original, como recebido pela coordenação do Interprogramas.

² Bacharel em Comunicação Social e Mestranda em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Email: ka_beraldo@yahoo.com.br

7º Interprogramas de Mestrado

produção artístico-intelectual. Criado em 1956, o *Suplemento Literário*, do *O Estado de S. Paulo*, está entre os exemplos desse período.

Considerado parâmetro para todos os cadernos culturais que o sucederam, a publicação representou as principais transformações que vão marcar a cobertura jornalística da cultura nas duas décadas seguintes, configurando-se como espaço de reflexão intelectual e de divulgação de autores novos e consagrados.

O suplemento paulista nasce com a natureza artística, conforme determinava o projeto, cumprindo à risca durante sua existência. Para as questões de natureza jornalística relativas às artes e à cultura, o jornal já tinha uma página especial. O *Suplemento Literário* se dedicava à crítica, à análise, à reflexão. (Lorenzotti, 2007:10)

O caderno foi idealizado por Antonio Candido e dirigido durante dez anos por Décio de Almeida (1956-1966), depois substituído por Nilo Scalzo, que deu vida ao *Suplemento Literário* até dezembro de 1974. Ele também ficou à frente dos sucessores *Suplemento Cultural* e *Cultura*.

Em seus anos de circulação, o *Suplemento Literário* abrigou em suas páginas nomes como Wilson Martins, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Gustavo Corção, Oto Lara Resende, Luiz Martins, Sergio Buarque de Holanda, Brito Broca, Rosenfeld, Florestan Fernandes, Boris Schnaidermann, Ruggero Jaccobi e Maria Isaura Pereira de Queiroz, entre outros.

Seu nascimento foi consequência de um momento rico e agitado da produção cultural no País, época em que também surgiram suplementos literários nos principais grandes jornais diários como o *Jornal do Brasil*, que cria, no mesmo ano, o *Suplemento Dominical*, quatro anos depois transformado no *Caderno B*.

Essa “proliferação” de suplementos literários é reflexo da tentativa, naquele momento, de se criar espaços específicos para a literatura e as artes em geral em um jornalismo que começa a delinear-se cada vez mais objetivo e informativo e menos analítico. Diante da lógica que a palavra “suplemento” tem para Silviano Santiago (1993), é possível compreender a importância que estas publicações representaram nesse sentido.

Complemento é parte de um todo, o todo está incompleto se falta o complemento. Suplemento é algo que se acrescenta a um todo. (...) A literatura (...) passou a ser esse algo

7º Interprogramas de Mestrado

a mais que fortalece semanalmente os jornais através de matérias de peso, imaginosas, opinativas, críticas (...) (Santiago, 1993:14).

À medida que o chamado mercado de bens simbólicos concretiza-se no Brasil, o jornalismo cultural caminha para uma visão simplificada da experiência artística, estética e intelectual, e sua lógica produtiva passa a priorizar a notícia em detrimento à análise.

O jornalismo de opinião tinha forte influência francesa e foi dominante desde os primórdios da imprensa brasileira até a década de 60. Foi gradualmente substituído pelo modelo norte-americano: um jornalismo que privilegia a informação e a notícia e que separa, o comentário pessoal da transmissão objetiva e impessoal da informação (Abreu, 1996:15).

Ao considerar as transformações da imprensa brasileira no pós-guerra, Alberto Dines (1986:26) afirma: “Nossos jornais, banhando-se na experiência da objetividade e dependendo diretamente do noticiário telegráfico, aprenderam um novo estilo, seco e forte, que já não tinha qualquer ponto de contato com o beletismo”.

Para Nina (2007:76), “se houve ganho da objetividade por um lado, aproximando o texto crítico da linguagem mais jornalística, por outro, não se pode deixar de dizer que a literatura foi, aos poucos, perdendo espaço – e importância – nos jornais”.

Todas essas alterações tiveram reflexo na cobertura de temas culturais, fazendo com que a imprensa desse início a um processo, chamado por Silviano Santiago (1993) de “desliteraturização”. Que nada mais é do que o desaparecimento, embora não por completo, da literatura das páginas dos jornais.

Com a consolidação da indústria cultural, este segmento da atividade jornalística vê-se dividido entre o paradigma crítico e a necessidade de ampliação de seus públicos. Se a proliferação dos suplementos literários a partir de 1950 se deve à necessidade de criação de espaços em um jornalismo que passa a priorizar a notícia em relação à opinião, é a consolidação desse cenário – sob a forma dos “segundos cadernos” – que evidencia o jornalismo dedicado à cultura como campo de tensão entre as demandas do mercado e a reflexão crítica.

Visto em suas origens como um espaço autêntico de veiculação de ideias, em especial pelo papel que a crítica literária adquiriu em sua formulação ao longo do tempo, o jornalismo cultural teria perdido suas características em razão de uma decorrência quase lógica da preeminência que o valor de troca imprimiu à produção cultural, passando a incorporar a

7º Interprogramas de Mestrado

forma definitiva geral (ainda que não exclusiva) que tudo adquire sob o capitalismo, a forma de mercadoria. (Faro, 2007: 80)

Assim, entre as razões da escassez dos suplementos literários e o fim, em especial, do *Suplemento Literário*, está a consolidação de uma produção dirigida ao chamado mercado de massa, como sintetiza Lorenzotti (2007:55): “Como, então, frente ao desejo frenético pela rapidez e a ânsia pela novidade, poderia continuar subsistindo, em um jornal moderno, esse corpo estranho que teimava em refletir, em um outro tempo, diverso daquele do jornal, sobre coisas das artes?”.

Essa é apenas uma entre as principais razões da quase extinção dos suplementos literários. Não apenas a emergência de outra demanda de cobertura jornalística da cultura, há ainda a própria dessacralização da arte e do papel dos intelectuais e críticos instaurada pela chamada pós-modernidade; como ainda a multiplicação dos agentes de mediação entre a arte e o público.

Tendo como ponto de partida essas questões, a este artigo cabe estudar o significado do resgate desse tipo de publicação sob a forma do *Sabático*, do também *O Estado de S. Paulo*. Em específico, o trabalho pesquisa o universo temático e editorial do primeiro ano de circulação da recente publicação, com intuito de avaliar a contribuição do *Sabático* no sistema de valoração da arte; além de tentar identificar a concepção que tem de cultura e de jornalismo cultural.

O resgate do Suplemento Literário

Como uma tentativa de recuperar o *Suplemento Literário*, o *Sabático* foi lançado no dia 13 de março de 2010, um dia antes da estreia do novo projeto gráfico do *O Estado de S. Paulo*. Dedicado à cobertura de literatura e do mercado editorial, sua circulação, sempre aos sábados, substituiu o *Cultura*. Intitulado “Caderno resgatará suplemento que marcou época”, texto publicado pelo *Estado*, esclarece a relação entre o *Sabático* e o *Suplemento Literário*.

A criação do *Sabático* serviu também de estímulo para resgatar um pouco do insuperável *Suplemento Literário*, caderno cultural que circulou aos sábados no Estado, entre 6 de outubro de 1956 e 17 de dezembro de 1966. Idealizado por Antonio Candido e dirigido por

7º Interprogramas de Mestrado

Décio de Almeida Prado, o ‘Suplemento Literário’ foi uma inovação à época, contando com colaboradores que se tornaram referência em diferentes áreas. Como o crítico Wilson Martins, os ensaístas Paulo Emílio Salles Gomes e Anatol Rosenfeld, o antropólogo Ruy Coelho. Suas páginas foram ponto de encontro dos talentos da geração e revelaram nomes que se consagrariam não só na literatura, mas no cinema, no teatro, na música, nas artes plásticas. Todo sábado, a seção *No Suplemento Literário* vai republicar trechos de importantes artigos e resenhas literárias do caderno que marcou seu tempo e fez história no jornalismo cultural. (O ESTADO DE S. PAULO, 2010: s. p.)

Entre as principais seções do *Sabático* estão *Babel*, de notas sobre o mundo editorial; *Resenhas*; *Estante*, com os principais lançamentos da semana; e *Ofício*, onde são perfilados escritores em seu ambiente de trabalho. Há ainda o espaço *No Suplemento Literário*, onde são republicados trechos de artigos e resenhas literárias do caderno homônimo; além da divulgação de trechos inéditos de obras em produção, tal como fazia o antigo suplemento.

Uma das interpretações possíveis em relação ao nascimento do *Sabático* pode ser construída ao se fazer um paralelo às reflexões sobre os comportamentos da produção artística contemporânea. A pós-modernidade artística seria caracterizada pelo esgotamento da inovação, ambiente onde a questão da “influência/referência” não faz sentido, e tempo marcado pela ausência de clareza sobre a função da arte, assim como a perda de parâmetros para a sua valoração.

De acordo com Bauman (2010), diante da destruição da validade de normas estéticas, a arte em si passa a exibir a ausência de estilo como característica principal.

A arte pós-moderna é notável, por sua ausência de estilo, como uma categoria de obra de arte; por seu caráter deliberadamente eclético, numa estratégia que pode ser bem mais descrita como “colagem” e “pastiche”, ambas as estratégias buscam questionar a própria ideia de estilo, escola, regra, pureza do gênero – tudo aquilo que sustentava o julgamento crítico na era da arte modernista. (Bauman, 2010: 180)

Gerd Bornhein (2000) sintetiza com clareza o percurso pelo qual a arte percorre, culminando na sua dessacralização.

Na grande arte do passado, tudo se deixava alicerçar na terra firme da resposta, a resposta perfeita que era a presentificação da divindade: a arte apenas conjugava os seus passos com uma resposta que se queria eterna e avassaladora. Depois, a arte acomodou-se a essas duas respostas, por assim dizer, menores, constituídas pelo sujeito e pelo objeto enquanto

7º Interprogramas de Mestrado

realidades pretensamente autossuficientes. Agora, cessa todo o sentido atribuível a qualquer forma de autossuficiência e a qualquer modalidade de respeito à ideologia da resposta. Vê-se logo: a arte se faz pergunta, quer-se sentido de problematização, entrega irrestrita e incondicionada à inventividade do ato criador em si mesmo (ibid.: 41-42)

Em convergência a essas características, o *Sabático* pode ser encarado como uma tentativa de recuperação de um modelo de cobertura jornalística que dava conta da complexidade artística. Sem sucesso na busca por caminhos inéditos e inovadores para a divulgação da produção contemporânea, *O Estado de S. Paulo* recorreu a um formato que teve êxito, já legitimado. Ou ainda, se a própria arte hoje pode significar uma recriação de estilos já existentes, por que não abordá-la, discuti-la e avaliá-la também a partir da reformulação de um modelo anterior?

Esse resgate configura-se ainda como uma espécie de “último suspiro” da crítica, que, nas últimas décadas, tem discutido maneiras para vencer um suposto período de crise e perda de identidade. Recebido com alegria entre os intelectuais, críticos, artistas e apreciadores das artes em geral, o *Sabático* nasce com o objetivo de colocar fim a um sentimento nostálgico de que o modo de fazer jornalismo cultural do passado foi abandonado e, dessa forma, insuperável.

Segundo Marcelo Coelho (2000:83), “é muito comum o tema de que não há mais crítica nos jornais brasileiros, de que antigas instituições, como o *Suplemento Literário* de *O Estado de São Paulo* ou os rodapés literários, ou o folhetim, sumiram sem deixar substitutos à altura”. Para o autor, entretanto, não é o jornalismo que abre mão da literatura. A razão dessa escassez é o fato de que a crítica, desde os seus primórdios, esteve ligada a um movimento artístico, contra ou em favor dele.

(...) o ultimo “-ismo” foi o pós-modernismo, havia ainda gente contra e a favor do conceito e da estética pós-moderna. Mas estamos vivendo em um momento em que, sem “-ismos” a defender, a própria crítica, no fundo, vai perdendo qualquer eixo de valoração. Se com isso a crítica vai desaparecendo do jornalismo cultural, não é porque os jornais não a deixam existir, embora pudesse ser feito, como eu disse, um jornalismo cultural melhor; é que o próprio âmbito da cultura, no mundo todo, vai se dissolvendo no mercado, vai se pulverizando, no máximo, em resistências individuais ou étnicas ou “ecológicas”, e logo em seguida absorvidas pelo mercado (ibid.: 93-94).

7º Interprogramas de Mestrado

É importante salientar que não apenas a prática do jornalismo como o próprio processo de produção da arte está submetido às demandas do mercado, como destaca Beatriz Sarlo (2004):

Os artistas se situam para situar sua obra e, ao fazê-lo, permanecem cegos diante da verdade de suas práticas. Quando falam de arte, também estão falando de competição; quando parecem mais obcecados pela busca de uma forma, mantêm outro olho ligado no mercado e no público. (ibid.: 143).

Embora como todos os gêneros do jornalismo, o cultural também tenha incorporado a lógica mercantil, acredita-se que este pode ainda configurar-se em território de análise e reflexão. Os suplementos literários, expressão máxima desse segmento de jornalismo, seriam este espaço de resistência às imposições da própria prática jornalística e pressões do mercado por uma linguagem mais superficial, desprovida de crítica.

Uma espécie de “artigo de luxo” que nada contra a maré, um destoante permitido dentro do corpo do jornal, os suplementos não podem deixar de ser pensados ainda a partir do que a sua produção representa para a imagem de um jornal perante seus leitores.

Os suplementos literários transmitem uma idéia de livro e de literatura e significam prestígio para os jornais e status para quem trabalha neles. São frequentes os casos de suplementos literários deficitários, cuja receita de publicidade não chega a cobrir o seu custo. Mas a relação custo-benefício para um jornal, assim como para uma sociedade, não se mede apenas pelo seu valor financeiro. É como se o jornal se valorizasse na valorização do seu leitor. (Travancas, 2001: 36)

A tradição legitimada

Se pensarmos na teoria dos campos de Pierre Bourdieu (1974), uma obra é produzida, reproduzida, consagrada e “consumida” a partir das disputas de forças existentes no interior desses espaços.

Sendo o jornalismo umas das instituições responsáveis pela configuração de valor no sistema de arte e cultura – “várias instituições asseguram a legitimidade do gesto artístico, mas a mediação jornalística torna-se crucial no sistema ao garantir a visibilidade das ofertas, produzir a sedução, criar a necessidade desses objetos e sustentar a palavra dos críticos” (Cardoso e Golin, 2010:194) -, interessa saber de que forma essa atividade – em

7º Interprogramas de Mestrado

especial o jornalismo praticado pelo *Sabático* -, enquanto instância de difusão e consagração, relaciona-se com o campo da produção.

Resultado de um “amplo jogo e empreendimento social”, a produção e difusão cultural estabelecem uma lógica baseada na manutenção do consagrado, do legítimo.

Nessa luta por prestígio, vem à tona um jogo de distinção: o jornalismo toma para si o poder da assinatura de certos artistas e instituições para legitimar-se; artistas e instituições usam a visibilidade da mídia para dar maior alcance à sua assinatura; e o leitor/espectador busca prestígio ao obter a informação em determinados veículos especializados. (ibid.: 195)

Para Mauro Ventura (2009), não se pode refletir sobre os valores-notícia no jornalismo cultural sem levar em conta a posição que os agentes (produtores e intermediários) ocupam na hierarquia da legitimidade cultural. “A hierarquia daquilo que é ou não legítimo influencia a relação que os agentes dos campos de produção, reprodução ou difusão estabelecem entre si e com as diferentes instâncias de legitimação” (Ventura, 2009: 3).

Ainda de acordo com o autor, baseado nos estudos de Bourdieu, quanto mais à margem de determinado campo situa-se um agente, maior é a possibilidade de que este agente se posicione de maneira não legitimada e, por isso mesmo, menos interdependente em relação às instâncias de difusão e consagração.

Sendo assim, estando à margem, um crítico ou o próprio jornal em si, teria maior predisposição em conceder espaço ao novo, aos movimentos de vanguarda; enquanto que, se está posicionado no centro do campo, sua contribuição é pela manutenção do *status quo*. “(...) sua ação vai se exercer paradoxalmente no sentido da conservação e do reforço das hierarquias mais conhecidas e reconhecidas”, escreve Bourdieu (2007).

Uma análise preliminar do *Sabático* nos permite dizer que a maioria das matérias que ganham a capa do suplemento tende a reforçar a tradição e valorizar o tido como legítimo. Essa característica pode ser exemplificada por meio do grande espaço aberto às reedições e às reportagens que visitam e revisam legados dos clássicos. As páginas são reservadas ainda, quase que de forma exclusiva, a nomes consagrados como Franz Kafka, Arthur Rimbaud, Gabriel García Marquez, Pablo Picasso e José Saramago, para citar

7º Interprogramas de Mestrado

alguns. Entre as palavras mais comuns usadas para adjetivar os artistas e obras divulgadas, encontramos célebre, maior autor, premiado.

Enquanto instância de difusão e consagração, o suplemento busca o prestígio por meio de nomes incontestáveis no campo cultural. Situado no centro da luta de forças – a medida que, embora novo, trata-se de um produto editorial do consagrado jornal *O Estado de S. Paulo* – o *Sabático* tende a conservar o que já é conhecido e reconhecido.

É possível afirmar que o *Sabático* considera portador de alguma importância sócio-cultural obras capazes de produzir modelos culturais e ou provocar mudanças duradouras no gênero artístico no qual se inserem. Para o jornalismo cultural praticado pelo suplemento, é clássica e detentora de “valor” a produção atemporal, que perdurou, tendo sido capaz de se constituir como referência para o artista contemporâneo.

Entre as razões podemos apontar a de que o suplemento, enquanto produto em si, também visa a permanência. É o ser perene que diferencia a literatura do jornalismo. Por isso a sua maior aproximação do artístico do que do jornalístico; do consagrado do que do novo.

Para o *Sabático*, parece ser o tempo, mais precisamente o passar dele, um dos principais instrumentos capaz de medir o verdadeiro valor da produção artístico-cultural. O que explicaria a tendência do suplemento a reforçar a tradição em detrimento da abertura de espaço para o novo. O passado também é referência para a concepção gráfica do suplemento, que faz uso excessivo, por exemplo, de ilustrações e fotografias em preto e branco.

É possível afirmar ainda que o *Sabático* estaria ligado à separação entre alta cultura e cultura de massa, prendendo-se a uma visão de arte datada da modernidade. Também característico desse período é a figura do intelectual-legislador, como cunhado por Bauman (2010:20). Segundo o autor, o papel do legislador consistia em “fazer afirmações autorizadas e autoritárias que arbitrem controvérsias de opiniões e escolham aquelas que, uma vez selecionadas, se tornem corretas e associativas”.

Porém, com a pós-modernidade – chamada por Bauman de modernidade líquida – o papel do legislador não encontra mais sentido, sendo substituído pelo intérprete, aquele responsável por traduzir informações a fim de eu sejam compreendidas. “Em vez de

7º Interprogramas de Mestrado

orientar-se para selecionar a melhor ordem social, essa estratégia objetiva facilitar a comunicação entre participantes autônomos” (ibid.).

Apesar de mais informativos, os sucessores do *Suplemento Literário* – não apenas o *Sabático* – parecem ter conservado seu papel pedagógico. O que se vê é que o *O Estado de S. Paulo*, em suas publicações posteriores, procurou reatar a tradição “formativa” do *Suplemento Literário*. Como exemplo, podemos citar o editorial do *Suplemento Cultura*, cuja circulação datou os anos 1980 a 1991.

Observou, assim, o *Suplemento Cultura* um princípio básico: cumprir sua função informativa sem descuidar, contudo, sua outra sua função, a formativa, completando dessa forma a missão que cabe aos modernos órgãos de comunicação, como orientadores da opinião pública. Um papel pedagógico, por excelência, no sentido amplo que encerra o termo.

O nascimento do *Sabático* significa a tentativa de se criar um meio capaz de refletir, verdadeiramente, a produção artístico-cultural, indo além da mera divulgação que predomina no jornalismo praticado na atualidade. No entanto, torna-se preocupante o fato de que, com o resgate de um modelo de cobertura, sejam trazidos do passado tantos conceitos e processos que parecem não conversar com o cenário contemporâneo.

O jornalismo, enquanto instância de mediação, está entre os agentes responsáveis pela construção do retrato da cultura de uma época. Ao dedicar-nos prioritariamente à perpetuação do clássico, sem conceder espaço para o novo, o que, no futuro, saberemos dizer sobre a produção artístico-cultural do nosso tempo?

Referências

ABREU, Alzira Alves. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: _____ et al (Org.). **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. **Legisladores e intérpretes: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais**. Renato Aguiar (trad). Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BORNHEIN, Gerd. “**As dimensões da crítica**”, in MARTINS, Maria Helena (org.). *Rumos da Crítica*. São Paulo: Senac/Itaú Cultural, 2000, pp. 33-45.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

7o. Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Casper Líbero
<http://www.casperlibero.edu.br> | interprogramas@casperlibero.edu.br

7º Interprogramas de Mestrado

CARDOSO, Everton; GOLIN, Cida. **Jornalismo e a representação do sistema de produção cultural: mediação e visibilidade.** In: **Economia da arte e da cultura.** São Paulo: Itaú Cultural, 2010.

DINES, Alberto. **O papel do jornal:** uma releitura. São Paulo: Summus, 1986.

FARO, J. S. **Jornalismo cultural:** informação e crítica, mais que entretenimento. Estudos de Jornalismo e Relações Públicas: Revista da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP, n. 9, p.75-88, 2007.

LORENZOTTI, Elizabeth. **Suplemento Literário, que falta ele faz!:** 1956 – 1974 do artístico ao jornalístico: vida e morte de um caderno cultural. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

COELHO, Marcelo. **“Jornalismo e crítica”**, in MARTINS, Maria Helena (org.). Rumos da Crítica. São

NINA, Cláudia. **Literatura nos jornais** – a crítica literária dos rodapés às resenhas. São Paulo: Summus, 2007.

SANTIAGO, Silviano. **Crítica literária e jornal na pós-modernidade.** R. Est. Lit., Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 11-17, out. 1993. Disponível em <<http://www.lettras.ufmg.br/poslit>>.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna:** intelectuais, arte e videocultura na Argentina. Sérgio Alcides (trad.). 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

TRAVANCAS, Isabel. **O livro no jornal** – os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

VENTURA, Mauro Souza. **Posicionamento e lugar dos agentes na crítica cultural:** um estudo sobre a relação entre valores-notícia e hierarquia das legitimidades. Rumores (USP), v. 6, 2009.